

## A LIDERANÇA FEMININA NO QUILOMBO DO ABACATAL NA CIDADE DE ANANINDEUA/PA: HISTÓRIA E [SOBRE]VIVÊNCIA NA PANDEMIA DA COVID-19

Amanda Cardoso da Silva<sup>1</sup>

Ozaias da Silva Rodrigues<sup>2</sup>

Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho deriva de entrevistas realizadas com lideranças femininas do quilombo do Abacatal, que se localiza a 8 km do centro da cidade de Ananindeua, na região metropolitana de Belém - PA. Desde sua origem, no ano de 1710, os quilombolas do Abacatal vêm enfrentando conflitos para permanecerem no território. O quilombo dispõe de uma área de pouco mais de 508 hectares, com aproximadamente 150 famílias e cerca de 500 habitantes. Nossos diálogos com essas lideranças fizeram parte das atividades de produção e divulgação de conhecimento científico do projeto de extensão Pandemias na Amazônia, do Departamento de Antropologia (DAN) e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). As entrevistas foram feitas em duas partes e a entrevista ora apresentada se baseia na segunda entrevista concedida por Amanda Cardoso, agente comunitária de saúde da comunidade. Nosso método consistiu em entrevista semi-aberta, on-line e com gravação audiovisual da mesma, via Google Meet. Entre as questões abordadas conversamos sobre a resistência dos quilombolas aos empreendimentos público-privados, com o avanço sobre o território, os impactos da pandemia e a importância da liderança feminina no quilombo.

**Palavras-chave:** Quilombo; Pandemia; Resistência.

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Biológicas (bacharelado) e cursando Desenvolvimento Rural (bacharelado), na Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: amandacardososilva@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-2570-4210

<sup>2</sup> Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), professor substituto de Antropologia na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e pós-doutorando em Antropologia Social pelo PPGAS da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: ozaiasufc@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2834-4318>.

<sup>3</sup> Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professor adjunto no Departamento de Antropologia (DAN) e no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: pedropaulosoares@ufam.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2139-2413>.

## Introdução

O presente trabalho deriva de entrevistas realizadas com lideranças femininas do quilombo do Abacatal, que se localiza a 8 km do centro da cidade de Ananindeua, na região metropolitana de Belém - PA. Desde sua origem, no ano de 1710, os quilombolas do Abacatal vêm enfrentando conflitos para permanecerem no território. O quilombo dispõe de uma área de pouco mais de 508 hectares, com aproximadamente 150 famílias e cerca de 500 habitantes. A entrevista a seguir foi realizada no dia 02 de julho de 2022, portanto o/a leitor/a deve ter isso em mente ao ler a entrevista. A entrevistada é uma das lideranças do Território Quilombola do Abacatal, Amanda Cardoso da Silva. O Quilombo do Abacatal teve sua origem no ano de 1710, advindo da herança do Conde Coma Mello para as suas três filhas - Maria do Ó Rosa de Moraes, Maria Filismina Barbosa e Maria Margarida Rodrigues da Costa, as “Três Marias”, como são chamadas, filhas de Conde Coma Mello com a escrava Olímpia.

Nossos diálogos com essas lideranças fizeram parte das atividades de produção e divulgação de conhecimento científico do projeto de extensão Pandemias na Amazônia, do Departamento de Antropologia (DAN) e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). As entrevistas foram feitas em duas partes e a entrevista ora apresentada se baseia na segunda entrevista concedida por Amanda Cardoso da Silva, agente comunitária de saúde da comunidade, ao professor Pedro Paulo Soares, do Departamento de Antropologia (DAN) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e a Ozaias da Silva Rodrigues, doutorando à época em Antropologia Social, pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS-UFAM), que fizeram a entrevista com Amanda num sábado pela manhã. A entrevista foi transcrita por Ozaias Rodrigues e Ingrid Rodrigues, atualmente doutoranda em Antropologia no PPGAS-UFAM. Nosso método consistiu em entrevista semi-aberta, on-line e com gravação audiovisual, via Google Meet. Entre as questões abordadas conversamos sobre a resistência dos quilombolas aos empreendimentos público-privados, com o avanço sobre o território, os impactos da pandemia e a importância da liderança feminina no quilombo.

Atualmente, o território possui 314 anos de existência. Desde então, os/as quilombolas do Abacatal vêm enfrentando conflitos para permanecerem na terra. Essa situação motivou a organização dos/as moradores/as, resultando na fundação da Associação de Moradores de Abacatal/Aurá em 06 de março de 1988 - hoje registrada como Associação dos Moradores e Produtores Quilombolas do Abacatal-Sítio Bom Jesus (AMPQUA). É a figura jurídica que representa a comunidade diante de órgãos públicos e a sociedade em geral.

Após muitos anos de lutas pela permanência na terra, o território quilombola do Abacatal obteve seu título de reconhecimento de domicílio no ano de 1999, através do Instituto de Terras do Pará (ITERPA). Seus moradores receberam o Título Coletivo da Terra, sendo tal direito previsto no artigo nº 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) da Constituição Federal de 1988, sob o enunciado: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam

ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. As principais atividades econômicas são a agricultura familiar, o extrativismo de açaí e o artesanato. É destes setores que retiram o seu sustento e lucram com a comercialização dos produtos.

O Abacatal conta com uma Escola Municipal que funciona em dois turnos - manhã e tarde - e oferta turmas de Ensino Infantil (Maternal I e II, Pré I, II e III), Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) e Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), possui um Posto de Saúde, que na verdade é um ponto de apoio estendido da UBS (Unidade Básica de Saúde) Aurá à comunidade, que conta com uma Agente Comunitária de Saúde (Amanda Cardoso da Silva), uma Técnica de Enfermagem (Natalina Ribeiro da Silva) e uma Técnica Administrativa (Celeste Seabra da Silva), que são moradoras do território. A Enfermeira realiza seus atendimentos toda segunda-feira e o médico toda segunda-feira e quarta-feira, ambos são da UBS Aurá.

Por fim, reiteramos que a referida conversa fez parte das atividades de produção e divulgação de conhecimento científico do projeto de extensão Pandemias na Amazônia<sup>4</sup>. Este projeto abre espaço para o diálogo de saberes e difusão de narrativas, por meio de podcasts, publicações de textos e exposições em audiovisual, em torno da vida, do corpo e da ecologia. Segue a entrevista.

\*\*\*

**Pedro:** Gravando, gente. Então, Amanda, queria começar com a primeira pergunta para ti. Era pedir pra tu te apresentares, falares teu nome e fale um pouquinho sobre seu trabalho de agente comunitária de saúde do Abacatal.

**Amanda:** Bom, eu sou Amanda Cardoso, sou do território quilombola de Abacatal, um território que tem 314 anos de luta, história, resistência e ele fica aqui em Ananindeua, no Pará. Eu sou graduada em Biologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Hoje estou cursando a segunda graduação que é em Desenvolvimento Rural, um curso voltado para o campo da agricultura familiar em si, né? E que é muito a nossa realidade aqui no quilombo. Eu trabalho como agente comunitária de saúde dentro do território e fora também. E aí, como diz a Vanusa, uma grande liderança aqui do território, quem melhor do que nós mesmos para cuidar de nós?

A gente que conhece nossa realidade, que sabe o que passa e o que vive no dia-a-dia. Então meu trabalho é esse, fazer o acompanhamento das famílias aqui no território, ir lá naquela casa ver se aquele idoso está tomando corretamente o remédio. Faço o cadastro dessas pessoas, visitas com frequência, acompanhamento de hipertensos e diabéticos para saber se estão fazendo direitinho a dieta passada pelo médico, se estão tomando remédio na hora correta, fazendo essa verificação. As

---

<sup>4</sup> Informações sobre esse projeto de extensão podem ser encontradas nos seguintes sites: a) <https://infoamazonia.org/project/pandemias-na-amazonia/>. Acesso em: 16/03/2025; b) [https://www.pandemiasamazonia.com.br/?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAaZHkfftyyh9IAmE3-z4XuhVVJHgJM\\_dI0NneavMEEbOZzcKPFcpglZAZnI\\_aem\\_QAZIzSUvXHgoOKQbwc0KPG](https://www.pandemiasamazonia.com.br/?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAaZHkfftyyh9IAmE3-z4XuhVVJHgJM_dI0NneavMEEbOZzcKPFcpglZAZnI_aem_QAZIzSUvXHgoOKQbwc0KPG). Acesso em: 16/03/2025.

vezes tem pessoas para auxiliar, mas as vezes não tem, então eu faço esse trabalho também.

Ir até as gestantes saber se estão indo corretamente às consultas, se estão tomando a vacina, a alimentação como tá, se está se sentindo bem. Então esse é um pouco do meu trabalho que faço aqui na comunidade. Também realizo marcações de consultas e sempre estou presente nas casas para fazer esse acompanhamento, fazer essa busca ativa de pessoas que estão doentes, para poder dar aquela orientação, para que possam ir ao médico. E aqui na comunidade a gente, as pessoas não costumam ficar muito doentes, graças a Deus, elas fazem aquela consulta de rotina aqui no nosso posto e o tratamento que a gente pratica muito é o caseiro né, então as nossas plantas medicinais, que a gente utiliza bastante aqui em casa, é muito chá, xarope que a minha mãe faz, banho, principalmente para minha sobrinha, quando ela tá com gripe, então é isso.

**Pedro:** Legal Amanda, eu não sabia que estava fazendo a segunda graduação em Desenvolvimento Rural, que legal, parabéns!

**Amanda:** É bom, olha, eu tô gostando muito desse curso, me identifiquei bastante; poder entender a parte da agricultura familiar em si. E aí, eu já consegui adquirir alguns conhecimentos que pude até falar pro meu pai, lá em casa, que ele fazia uma plantação de açaí, de uma forma que é o certo para ele, mas que aí a gente podia até melhorar; através do curso fiquei sabendo.

**Ozaias:** Então Amanda, a gente queria saber, depois dessa breve apresentação, como é para você viver num território quilombola situado na região metropolitana de Belém. A gente basicamente já fez essa pergunta para as meninas também Makini (Vivia da Conceição Cardoso) e Maberu (Vanuza da Conceição Cardoso), mas a gente quer te fazer para ter outras perspectivas com relação a isso. Então como é viver em um território situado nessa fronteira que está ali entre o urbano e rural?

**Amanda:** Bom, primeiramente vou falar um pouco sobre o Abacatal em si. Abacatal para mim é tudo, é um lugar maravilhoso de se viver, a gente tem toda uma história, uma resistência; a nossa luta está em cada pedra, em cada árvore, em cada pessoa. Aqui é muita união, é aquele ditado que 'a união faz a força'; aqui funciona graças a Deus. E aí, sobre a parte de estar situado bem próximo da cidade, a gente acaba sofrendo muitas influências, mas a gente está sempre resistindo e não deixa essas influências, como que eu posso dizer...<sup>5</sup> nos impactarem de fato, fazer com que a gente mude a nossa cultura ou algo do tipo. Não, as influências estão lá e dentro do território a gente vive a nossa realidade.

A gente sofre pressões diretas da cidade, com esses empreendimentos que vêm afetando nossa comunidade, mas aí é não deixar se abater, é sempre estar de pé, firme, resistindo a todo e qualquer impacto que possa nos atingir, é isso! E estar tão próximo da cidade, os nossos jovens, principalmente, sofrem muitas influências lá fora, mas a gente não deixa que isso nos abale, a gente está sempre aqui buscando

---

<sup>5</sup> No texto o uso que fazemos de reticências se refere a duas coisas: 1) reticências sem colchete - uma pausa na fala da entrevistada ou 2) reticências com colchetes - supressão de algum trecho ou palavra do áudio original, que não consta na transcrição.

nos reconectar, buscando sempre nossa ancestralidade, conversar entre nós, para que a gente possa sempre está aqui firme e forte.

**Ozaias:** Pronto, aí eu queria te fazer uma pergunta que tem a ver também com essa questão da história do Abacatal, da ancestralidade, uma coisa que eu percebi, que estava percebendo a partir da conversa que a gente teve com a Makini (Vivia da Conceição Cardoso) e a Maberu (Vanuza da Conceição Cardoso), é a liderança feminina no Abacatal, aí eu queria saber de você, se você já chegou a refletir sobre isso, sobre a importância da liderança feminina no Abacatal desde as ancestrais fundadoras, que foram mulheres, até hoje.

**Amanda:** É, desde o início da história foi isso, mulheres, mulheres sempre estão à frente do território e a gente vai levando, a gente vai resistindo. É muito forte a presença das mulheres aqui no território, nessa luta pelo território, pela luta dos nossos direitos e assim, eu também faço parte da associação, faço parte da comissão da comunidade, de sempre está ali acompanhando, se reunindo com a coordenação para saber dos impasses, para ir nas reuniões, participar de manifestações e a maioria são mulheres.

A nossa coordenação é formada por dez membros e temos apenas um homem nessa coordenação, a nossa comissão é formada apenas por mulheres e é nós que estamos sempre na luta. Um fato que ocorreu... Fazem duas semanas, uma mulher apenas de moto, ela parou uma obra, uma instalação na estrada, que estava lá, o pessoal de uma empresa que estão construindo um linhão e eles fecham as nossas estradas e não tem como a gente passar. E aí, a gente tem que ficar esperando por muito tempo, até mesmo eles fizeram um atalho, mas o atalho estava só a lama para gente passar e apenas uma mulher conseguiu parar lá e a partir disso foram se reunindo vários moradores.

Então é muito forte a presença dessas mulheres na luta desde o início da história [...]. Eu estava falando de como isso é forte desde o início da história, da nossa existência, desses 314 anos de história, são as mulheres que vêm mais à frente. Os homens sempre estão contribuindo também, mas essa presença da mulher é tão forte e enraizada que vai passando de mulher para mulher e isso é maravilhoso.

**Pedro:** Eu queria fazer uma pergunta, baseado no que tu falastes antes, tu citastes empreendimento, as pressões sobre o território. Eu queria te perguntar como tu percebe a partir do teu trabalho, como esses empreendimentos afetam, como estações, linhão, rodovias, afetam a saúde física e mental das pessoas? Como é que tu percebes isso a partir do teu trabalho?

**Amanda:** Bom, a nossa luta é tão grande contra esses empreendimentos que a gente fica cansado, fisicamente e mentalmente, mas desistir nunca é opção. A gente está sempre aqui se fortalecendo. As pessoas adquiriram muita ansiedade, quando saiu a história que a rodovia Liberdade ia cortar nossa estrada, as pessoas dizem logo "*meu Deus como é que a gente vai passar na nossa estrada*", que ia tirar nosso direito de ir e vir e isso prejudica mentalmente, ficar pensando no que a gente vai fazer, como a gente vai fazer.

E essa luta contra os empreendimentos também cansa fisicamente, tem que ir para reuniões, a gente se separa em grupos e vai para reunião, tem que ler documentos e isso a gente fica cansado. Às vezes estamos muito cansados mesmo de toda essa luta, mas a gente se reúne novamente, “*não, vamos nos fortalecer entre nós mesmos e vamos seguir firmes e fortes*”. Então, prejudica muito sim, a gente fica bem cansado, mas a gente está aqui, resistindo sempre e não são esses empreendimentos que vão nos parar; com certeza não, nunca!

**Ozaias:** Vou pegar a oportunidade já que você está falando sobre isso, levando em conta esses empreendimentos e a pandemia também, como vocês estão se cuidando no cotidiano, quais são as estratégias, na prática, como vocês estão se fortalecendo coletivamente para lutar contra tudo isso? Porque agora chegou a pandemia, para além dos empreendimentos, então quais seriam as estratégias de cuidado e fortalecimento coletivo de vocês?

**Amanda:** Esse período de pandemia, [...] quando a pandemia estava bem no auge, tivemos todo um cuidado aqui dentro do território; a gente fechou a comunidade para pessoas de fora. Até mesmo se alguém tivesse algum parente de fora, filho, a gente fechou, justamente para proteger a população em si, toda. E tivemos também muitos remédios que os curandeiros<sup>6</sup> fizeram, pessoas como a Vivia [da Conceição Cardoso] colocava lá nos grupos [de WhatsApp] da comunidade dizendo que quem quisesse xarope, algum banho, ela estava disponível para dar para as pessoas e também tivemos o acompanhamento da nossa médica Simone Gusmão<sup>7</sup>, que vem toda quarta-feira<sup>8</sup> pra cá e da nossa enfermeira que vem toda segunda-feira. Então na pandemia a gente teve o nosso próprio cuidado e tivemos cuidados além também.

Quanto à parte do fortalecimento, a gente sempre busca conversar entre si, se unir para conversar, para se fortalecer, principalmente, na parte desses empreendimentos. “*A gente está cansado? Tá! Então bora<sup>9</sup> se reunir e ver uma estratégia que a gente possa... Que o serviço não fique pesado pra todo mundo*”. Tinha reunião no Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade (IDEFLOR) na Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade (SEMAS), nesses órgãos, bora dividir grupos de moradores que vão para uma reunião, outro que não vão, para que não saia pesado para todo mundo.

Aí quando a gente pensa né, pensar as estratégias, a gente vai se reúne novamente e vê o que a gente pode estar fazendo, para estar se fortalecendo, porque a união faz a força e a gente sempre busca se reunir para estar se fortalecendo contra esses empreendimentos. E aí, sobre a pandemia, a gente teve reunião justamente para decidir em comunidade as melhores formas de se proteger e está se fortalecendo.

Então aí ficava decidido alguns métodos de prevenções como fechar o portão, pessoas não entrarem, evitar sair até mesmo da comunidade, e só sair se de fato for

---

<sup>6</sup> Curandeiros/as são pessoas de dentro da comunidade que benzem outras pessoas e fazem remédios caseiros a partir de plantas.

<sup>7</sup> Atualmente é o clínico geral Humberto de Jesus Gomes.

<sup>8</sup> Na época da pandemia era uma médica que vinha apenas nas segundas-feiras, hoje é um médico, que vem dois dias na semana, dia de segunda e quarta-feira.

<sup>9</sup> Corruptela de “vamos embora”, significando “vamos”.

meio obrigado, para que não tivesse tantos casos na comunidade, que a maioria da comunidade pegou, mas foram casos leves, graças a Deus, não teve algo tão sério; a gente não teve perda, graças a Deus e é isso.

**Ozaias:** Uma coisa que eu estava pensando aqui, lembrando daquela conversa, daquela entrevista que você já deu com o Pedro, foi a questão da violência contra as mulheres, aí eu pensei sobre essa questão... Se as mulheres estão na liderança, então basicamente todo tipo de violência simbólica e física, que vai contra o território, impacta diretamente num primeiro momento as mulheres. Aí eu lembro que você tinha falado, que algumas mulheres, que diante desses impactos, elas estavam fazendo esse esforço *“ah se você vai sair então leva mais uma mulher com você, leva uma pessoa com você”*, aí a gente estava pensando exatamente sobre isso, sobre a questão das estratégias; isso é estratégico, né? A forma de proteger o próprio corpo, a integridade física e eu queria saber se você chegou a pensar sobre isso, como é que essa violência chega nos corpos femininos, como essa violência chega nas lideranças que são majoritariamente mulheres?

**Amanda:** Logo no início, quando começaram as obras da subestação da Equatorial Energia, eles abriram caminhos, estradas, ficava um monte de homens, trabalhadores, nas estradas e as nossas mulheres passavam, eram o tempo todo assediadas por essas pessoas, desrespeitadas. Então a gente buscou essa forma, de se unir para sair junto da comunidade, para que não passasse por isso e até evitar o assédio pelo fato da gente ter uma companhia. A gente se encontrava no portão da comunidade e alguém dizia: *‘Olha, tô aqui no portão. Alguém vai para fora agora?’*

Esperava mais pessoas se reunirem, para justamente, não passarem por isso. Até porque, nessa época a gente teve um grande aumento da violência. Pessoas da comunidade eram sequestradas, colocadas no mato, pessoas abusadas, então, foi um período muito crítico pra gente. A gente ficava com medo de sair. Eu mesma, sofri um grande impacto, morria de medo de sair do território para trabalhar. Tem casas que eu preciso visitar, fora do território, que é do portão para fora. E eu ficava com medo. Eu não ia, explicava isso para a enfermeira, que eu não ia, que eu estava com muito medo.

Até mesmo quando a gente ia cinco ou seis pessoas, ainda assim a gente tinha medo. Ainda mais por ser mulher, que é complicado ser mulher nos dias de hoje. A gente ficava com muito medo mesmo. Essa aí foi uma das estratégias, graças a Deus, que funcionaram, de sair um grupo de cinco mulheres, até mesmo homens saindo junto e evitava essa violência.

**Ozaias:** Voltando para a questão da pandemia, duas perguntas. Se você chegou a elaborar alguma coisa sobre como você enxerga a pandemia, como seria, como você definiria o que é a pandemia? E a segunda seria sobre como foi o acesso à vacina no território, porque se a gente for olhar outras realidades, na verdade os quilombos no Brasil como um todo, a gente tem várias realidades, desde quilombos que precisaram se mobilizar judicialmente para ter acesso à vacina, até outros que tiveram acesso de forma tranquila e por aí vai. Então, seria mais ou menos isso. Como você pensa a pandemia e como foi a questão do acesso às vacinas para o território do Abacatal?

**Amanda:** Eu defino a pandemia como um susto para todos, algo que afetou a vida de todo mundo aqui na comunidade, pra quem estava acostumado a sair pra vender seus produtos na feira do produtor, no Centro de Ananindeua, e de uma hora pra outra não poderia mais ir, devido a um vírus; foi aterrorizante. Ter que mudar hábitos do dia-a-dia, não poder ver seus parentes e amigos, é algo assustador. E os canais de TV noticiando todos os dias a morte de centenas de pessoas, a cada reportagem, ficávamos mais aflitos e com medo. A pandemia teve um impacto muito grande no território, tanto na saúde das pessoas, muitas pessoas na pandemia tiveram ansiedade, tomam remédio até hoje e... o acesso à vacina, graças a Deus, foi logo de início, assim que começou a vacinação. Nós fomos um grupo priorizado, no começo era para os indígenas, que estavam como prioridade, como em Ananindeua não tinha, tinha o pessoal da Venezuela, os indígenas de lá, que foram priorizados e Abacatal logo foi priorizado também. Tivemos logo de cara acesso à primeira dose, e aí depois de um mês a gente teve a segunda dose - ambas foram da CoronaVac. A terceira dose na comunidade e agora, nesse mês de julho, está previsto para vir a quarta dose, ambas da marca PFizer<sup>10</sup>.

O acesso à vacina, graças a Deus, foi ótimo. A vacina veio diversas vezes, veio para os adolescentes, veio para as crianças, aqui para o território, a primeira e a segunda dose e agora está prevista a terceira dose para os adolescentes e a quarta dose para os adultos. Então, se deu de forma bem rápida a vacinação, não tivemos nenhuma dificuldade.

**Ozaias:** A outra questão que eu ia te colocar, Amanda, a partir dessa experiência de luta pelo território que vocês têm, como é que você enxerga o Abacatal como farol ou como influência dentro do contexto das comunidades quilombolas do Pará? E também queria saber de você quais são as redes e as parcerias que vocês têm nessa luta; basicamente isso.

**Amanda:** O Abacatal hoje é visto como um quilombo muito forte, de resistência, um grande exemplo para todos e isso é maravilhoso, poder estar levando a nossa voz, nossa luta, para outros quilombos. Que muitos quilombos não sabem a força que têm e o Abacatal é isso de estar saindo para outros quilombos para mostrar o lugar de fala dessas pessoas, desses quilombos. Mostrar que eles têm direitos, quais são os direitos deles, que muitas vezes não são reivindicados, às vezes por não ter uma parceria e até mesmo quem os auxilie.

E aqui não, o Abacatal, graças a Deus, tem várias parcerias. Nós mesmos procuramos conhecimento fora do território e trazemos para dentro dele, para estar repassando entre nós mesmos. A gente tem a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE), que é um órgão que sempre está em parceria com o território, levando nós para participar de oficinas... eu participei de uma oficina da FASE sobre território que foi maravilhosa. Eu fiz até um vídeo sobre isso, que foi uma atividade que tive que fazer. Foi uma experiência muito boa, poder compartilhar conhecimento e também receber conhecimento de outras pessoas, eram diversas pessoas, eram

---

<sup>10</sup> A comunidade já tomou a dose bivalente.

ribeirinhos, quilombolas... a gente fez esse compartilhamento de conhecimento e poder passar para as pessoas aqui dentro.

A nossa parceria com a FASE é muito forte, graças a Deus, que nos auxiliou também para fazermos o nosso protocolo de consulta. A gente tem uma forte parceria do Ministério Público também, graças a Deus, sempre que a gente precisa a gente corre para o Ministério Público. O fato de eu estar trabalhando hoje foi algo que a gente buscou pelo Ministério Público. A gente tinha antes um agente comunitário de saúde que não atendia as nossas demandas, até porque devia fazer o trabalho e não fez.

A comunidade recorreu ao Ministério Público para que fosse ofertado no concurso vagas especificamente para moradores do território. E aí teve, várias pessoas da comunidade se inscreveram. E numa dessas eu passei. Então isso foi em parceria com o Ministério Público. A gente tem a UFPA (Universidade Federal do Pará), uma grande parceira, graças a Deus, que tá sempre aqui na comunidade, se a gente precisar do auxílio de alguns professores, do reitor também, eles sempre estão prontos a nos ouvir e nos atender.

Assim também como a CÁRITAS<sup>11</sup>, que é outro órgão muito importante, está sempre aqui na comunidade, nos dando várias oficinas. A gente teve oficinas sobre o protocolo, porque a gente tem o protocolo, mas às vezes a gente não sabe certamente, pode não saber certamente, como utilizá-lo. Então a CÁRITAS está sempre fazendo esse papel, está nos dando oficinas e isso é maravilhoso para gente obter mais conhecimento. Então são fortes parceiros, visando junto com a gente essa luta, essa caminhada, sempre resistindo e também nos orientando.

**Ozaias:** Perfeito. Eu queria te perguntar também, que eu sei que tem a federação estadual quilombola, do Pará, e queria saber se vocês têm vínculo, parceria com alguma outra organização estadual, especificamente quilombola, e até fora do estado... e também, que vocês deram vários exemplos de ir na Defensoria, vai no Ministério Público, essas instâncias representando o poder judiciário, então como é a relação de vocês com os outros poderes, com o legislativo e com o executivo, tanto o estadual quanto o municipal, o legislativo também, para além do judiciário?

**Amanda:** Com a prefeitura a gente tem pouca parceria e infelizmente para a gente conseguir algo através da prefeitura a gente sempre tem que partir para o Ministério Público ou para manifestação. A gente teve agora um caso recente, dos nossos professores do território, que não tinham assinado contrato, que eles estavam trabalhando e não estavam recebendo. A gente tá passando por isso novamente com os professores. E aí, a gente sempre tem que tá partindo para luta, fazendo manifestação na frente da prefeitura, para que seja atendido.

Parece que a conversa não resolve de fato, o que deveria resolver. Então a gente tá sempre partindo para a luta, está lá se manifestado para ver se consegue alguma coisa. O que é de direito nosso, isso daí, assim como a nossa estrada também que é

---

<sup>11</sup> Cáritas é uma confederação de organizações humanitárias da Igreja Católica que atua em diversos países, incluindo o Brasil. É uma organização que atua na promoção social e defesa dos direitos humanos em parceria com povos e comunidades tradicionais. Atua desde 2017 em parceira com o Território Quilombola de Abacatal - PA. Mais informações podem ser consultadas no site: <https://caritas.org.br/>. Acesso em: 16/03/2025.

de direito nosso e a gente tem que estar sempre reivindicando, reafirmando, porque o quilombo é isso. É tá lá, sempre na luta reivindicando seus direitos.

**Pedro:** Eu tava pensando aqui numa coisa que a gente conversou antes, que o posto dentro da comunidade ele é como se fosse, assim, um braço da UBS (Unidade Básica de Saúde), que fica fora, mas não é necessariamente saúde quilombola, não é um programa de saúde quilombola. Eu queria te perguntar, qual é a importância de ter um programa de saúde quilombola no território?

**Amanda:** Exatamente isso. O nosso posto de saúde, na verdade, é como se fosse um ponto de apoio da UBS Aurá. O posto de saúde central ele fica no bairro Aurá, que é o bairro próximo que a gente faz parte e aqui a gente tem o médico apenas dia de quarta-feira e a enfermeira apenas dia de segunda-feira. O que deveria ser, na verdade, diferenciado. A gente deveria ter um dentista, consultório odontológico a gente não tem, deveria ter vacina, não tem, farmácia, a gente não tem. A gente precisa sair do território para buscar esses atendimentos. Sendo que por lei, a gente devia ter esse direito.

O rapaz da secretaria de saúde me disse que está para ser implantado uma ESF (Estratégia Saúde da Família) Quilombola-Ribeirinha, aqui no território, que contará com todos esses serviços que eu disse, mas já faz um ano, dois anos que ele me falou isso e até agora nada disso foi implantado. Ele até veio visitar a nossa área ribeirinha, que ele quer fazer essa separação da equipe de saúde do Jardim Japonês – Aurá, na qual somos atendidos, para criar uma equipe de saúde quilombola-ribeirinha<sup>12</sup>, contendo toda uma equipe de saúde, para que tenhamos clínico geral e enfermeira todos os dias, medicamentos, vacinas, dentistas, etc., para que a gente não precise se locomover até a UBS Aurá para ser atendidos. Mas até agora isso só tá em palavras, não tem nada na prática ainda.

**Pedro:** Tem mais alguma coisa Ozaias?

**Ozaias:** As minhas perguntas foram basicamente respondidas, todas.

**Amanda:** Que bom (*risos*).

**Pedro:** Que bom, Amanda, olha obrigado. Obrigado pelo apoio ao nosso projeto. [...]. Boa sorte na nova graduação, achei bem legal.

**Amanda:** Obrigada. Obrigada também por ter me escolhido para fazer a entrevista, foi muito boa. Precisando eu tô por aqui. Você tem meu contato, só mandar uma mensagem, se eu estiver disponível a gente pode marcar sim, qualquer outra coisa, outra entrevista também, tá?

**Pedro:** Então é isso, gente. Muito obrigado. Tchau.

**Amanda:** Tchau.

**Ozaias:** Obrigado, tchau.

---

<sup>12</sup> Ainda não foi implantada e não tivemos mais notícias sobre isso.